

**resenhas educativas**  
**uma revista de resenhas de livros**



**Duarte, Rosália (org) 2008.** *A televisão pelo olhar das crianças.* São Paulo: Cortez.

ISBN: 978-85-249-1428-7

176 pp

**Resenhado por Ilana Eleá Santiago**  
**PUC-Rio, Brasil**

10 de agosto de 2009

*A televisão pelo olhar das crianças*, coletânea organizado por Rosália Duarte, apresenta 10 artigos escritos pela equipe de pesquisadores do GRUPEM – Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia (Departamento de Educação, PUC-Rio) a partir dos resultados da pesquisa “Criança, televisão e valores morais” realizada entre 2004 e 2006, com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e parceria institucional da TVE-Rede Brasil.

Com o objetivo de investigar o que as crianças pensam sobre o que vêem na TV, as que tinham entre 8 e 12 anos foram convidadas a enviar para uma caixa postal desenhos e textos que expressassem suas opiniões sobre o assunto. Dos 980 textos e desenhos recebidos foi possível destrinchar os eixos mais recorrentes da expressão infantil neste campo: violência e seus efeitos, formato e qualidade dos desenhos animados, o vício de ver TV, telejornais, publicidade, consumo.

Chegar a esses temas foi possível a partir do momento em que textos, cartas completas, frases curtas e observações sobre a TV que acompanham os desenhos foram catalogados no ambiente SPSS, software para análise estatística de dados quantitativos e depois, fracionados em unidades de significação. Duplas de pesquisadores se responsabilizaram por temáticas específicas, mantendo como parâmetro a mesma metodologia de análise. Essas análises temáticas são apresentadas separadamente ao longo do livro. O professor Pier Cesare Rivoltella, da Universidade Católica de Milão, foi consultor da pesquisa.



No primeiro artigo, *Produção textual, opinião e TV: como as crianças expressam na escrita o que pensam sobre a TV?*, Adriana Hoffman e Dayse Alves buscaram identificar os recursos que as crianças utilizaram nos textos enviados para a pesquisa. Quais são os níveis de coerência textual, correção gramatical e capacidade argumentativa encontrados? Para as autoras, por mais que tenham sido encontradas falhas gramaticais - em escola pública, média de 3 erros de ortografia por texto, em particulares, 1,2 - , as crianças produzem textos argumentativos, apresentando uma opinião e argumentos para defendê-la. Os erros foram agrupados: a) referentes à pontuação, colocação de pronomes, flexões, concordâncias e regências e ortográficas, b) referentes à acentuação e escrita incorreta não relacionados no outro item. Embora as autoras reconheçam que o uso adequado da norma seja requisito para “transitar em espaços sociais de maior prestígio”(p.56), escrever com muitos erros não impede a emissão da opinião, como fica possível conferir nos muitos exemplos retirados das cartas infantis que compõem este primeiro capítulo. O texto de uma menina de 10 anos, matriculada em escola pública do interior, apresenta os seguintes argumentos: “Os jornais da Globo só falam em violência, não falam mais sobre crianças que não estão mais passando fome, crianças que não moram mais nas ruas. A televisão só fala de violência. (...)Eu penso que eles deveriam parar de falar sobre violência já que no Brasil tem muita” (p.56-57).

O segundo texto, *Representações da tevê em desenhos infantis* é assinado por Cristiane Alves e Maria das Graças Labrunie. As autoras se debruçaram sobre cerca de 500 desenhos enviados pelas crianças, nos quais foram observadas recorrências nas formas através das quais a televisão foi representada nas folhas de papel. Os elementos encontrados ora revelavam a) aparelho de tevê sozinho, b) aparelho com contexto de visualização, c) somente referência ao conteúdo da TV e não ao aparelho, d) listas do que gostam ou não gostam de ver na TV. O artigo é fartamente ilustrado com desenhos das crianças, nas quais aparecem “assistindo novela”, “TV integrada ao ambiente doméstico”, “criança com controle remoto em frente a uma tela de TV vazia”, entre outros.

A análise iconográfica das autoras leva em consideração também traços que remetem à chamada cultura audiovisual, na qual antenas, tomadas e controle remoto aparecem com força por essas mãos infantis que parecem apreciar a presença da TV em diferentes ambientes da casa e da vida, da escola e do mundo, declarando “sentimentos” e elogiando o papel significativo que esses aparelhos ocupam em seus cotidianos. Uma aluna de 8 anos desenhou uma menina deitada na cama. No cômodo, há ainda uma mesa com porta-retrato, jarro de flores e no centro, um grande aparelho de televisão. O símbolo da Rede Globo aparece no canto direito da tela, na qual é exibida a imagem do casal “Letícia e Gustavo” – provavelmente personagens da novela *Malhação*. Ela escreve: “A televisão é muito importante para nós porque nos ensina a conviver com as pessoas” (p.67)

O artigo de João Alegria, *O consumo audiovisual culturalmente ativo na infância* oferece um panorama histórico da discussão sobre a mídia. Adota como ponto de partida tanto a discussão colocada por Walter Benjamin sobre modernidade, mídia reprodutibilidade técnica, como o conceito de “Indústria Cultural”. O autor leva em consideração a alegada falta de qualidade de conteúdo externada por diferentes setores da sociedade como legítimas. Entretanto, esse reconhecimento não significa que Alegria levante bandeiras em defesa de um “consumidor-vítima”. Calçado pela ideia de mediação detalhada por Orozco Gómez (1991) – pela qual a produção de sentido realizada pela audiência depende de uma particular combinação de mediações e das comunidades interpretativas que cada sujeito faz parte - , o capítulo traz sinalizações encontradas nos textos infantis sobre a valoração, positiva e negativa, feita pelas crianças sobre a televisão. Crianças dizem que “a televisão é importante”, “interliga o mundo todos”, “distrai”, “alegra” e “é criativa”. Crianças também dizem a televisão “vicia”, “manipula as pessoas”, faz com que as pessoas percam tempo e incitam a violência. Tal tensão pode indicar marcas advindas de diferentes pólos de discursos circulantes em nossa sociedade e que

são apropriadas pelos pequenos. Para João Alegria, se professores e adultos costumam ter uma visão excessivamente crítica ou utilitarista da TV, o lado sedutor e interessante desse aparelho não deixa de ser incluído também nas cartas infantis.

No quarto artigo, *O que as crianças pensam sobre o que aprendem com a tevê*, escrito por Rosália Duarte, Rita Migliora e Camila Leite, tanto desenhos como fragmentos de textos são utilizados para ilustrar os critérios que crianças lançam mão quando avaliam o que na tevê pode ser visto como aprendizagem: o lado educativo, bom, útil para a vida prática e de entretenimento são ressaltados com exemplos interessantes. O pressuposto de que se ensina pelo o que se mostra – e a TV mostra pela imagem e som - é destacada em tom de alerta pelas crianças. Frases como “Na novela tinha um personagem que batia na mulher de raquete porque tinha muito ciúme dela. Eu acho que isso não dá educação, senão os homens não vão mais respeitar as mulheres” ou “a televisão nos ensina a matar e assassinar. Como no canal 5, alguns filmes com muita violência, homem batendo em mulher, assassinando e matando” e “eu não gosto de novelas que ensinam fumar, assaltos, crimes etc” foram escritas por diferentes crianças. Por essa perspectiva, o que se vê, como violência, pode ser imitado. Aspectos positivos também podem ser aprendidos. São as crianças que escrevem: “A TV é ótima porque ela nos ensina a não falar com estranhos, a não aceitar certas coisas como balas, pirulitos, chocolates, porque podem conter drogas” ou “usar camisinha e não engravidar cedo” (p.99). Para evitar efeitos indesejáveis como a imitação de práticas violentas, as crianças aproveitam os espaços nas folhas de papel para registrarem propostas para uma programação mais cuidadosa e ética.

Josy Fischberg é responsável pelo quinto artigo, *Telenovela como porta de entrada para o mundo adulto*. As telenovelas, mesmo em sua grande maioria não sendo produções destinadas ao público infantil, são os gêneros preferidos para o público dos 4 aos 11 anos. A pesquisa do GRUPEM confirmou este dado. Nos materiais enviados as telenovelas foram citadas em 199 dos 577 textos analisados, sendo retratadas de forma positiva em 127 casos, negativa em 37 citações e 35 vezes citadas como vetores de aspectos tanto positivos quanto negativos. O público infantil prefere novelas para adultos, reconhecem as ações sociais capazes de envolver a população devido as suas tramas, mas nem por isso deixam de reconhecer o interesse e investimento da programação em tornar seus espectadores frenéticos por consumo do que vêem. O pressuposto de que mostrar é ensinar aparece mais uma vez nos fragmentos textuais, seja para o consumo, seja para incitar a violência, seja para envolver as pessoas em causas coletivas. Falas como “as novelas hoje induzem as pessoas à violência, ao sexo e agressões físicas aos filhos” e “às vezes (as novelas) nos estimulam a comprar demais. Fazem propaganda do que elas acham que é moda” (p.115) demonstram a continuidade do discurso.

O sexto artigo, de Maria Inês Carvalho Delorme, *Televisão e consumo pelo ponto de vista das crianças*, faz referência ao trabalho de Nestor García Canclini (2001), para quem o consumo é visto dentro de um contexto de comunicação e recepção de bens simbólicos e não simplesmente como fruto de impulsos e ações irrefletidas. Para essas crianças a televisão é um bem de consumo fundamental, sem o qual se fica excluído e alienado de informação sobre o mundo em que se vive, entretenimento, cultura, válvula de escape. Elas também percebem a intenção de venda implícita nos programas, ávidos por incentivar todos a comprarem.

Rita Migliora e Josy Fischberg formam a dupla responsável pelo artigo seguinte, *O vício de ver tevê*, no qual esmiúçam as subdivisões utilizadas pelas crianças quando abordam o vício. Seja quando falam em primeira pessoa, seja quando o vício aparece como o que as impede de realizar outras atividades, como um dos lados negativos da tevê ou como um programa específico, um desejo incontrolável de assistir tevê aparece como um problema que elas mesmas se colocam. As crianças acham que ficam muito tempo na frente da tela frente a esse paradoxo do prazer e do risco.

No penúltimo texto, Rita Migliora, Fernando Santos e Gleilcelene Néri discorrem sobre *O que as crianças pensam sobre os telejornais*, em aspectos positivos e negativos truncados e indissociáveis, mas necessários. Para Gabriel, 10 anos, por exemplo, assistir jornal não é uma atividade que ele aprecie, mas seus pais “falam que é o programa mais importante da televisão porque nos traz todas as notícias, aprendemos muito sobre cultura, artes, conhecimentos gerais” (p.153). A ideia de “estar bem informado”, “saber notícias” e “e se inteirar dos acontecimentos mundiais para que se tornem mais cultos e inteligentes” é recorrente. Se tal gênero se apresenta como fonte necessária de informação, também machuca o coração por mostrar o que há de pior no mundo, sem apresentar caminhos possíveis para soluções. O seguinte depoimento esclarece: “Eu simplesmente odeio (Jornal Nacional) pois só transmitem notícias tristes, só falam de fome, guerras e mortes. Eu fico muito triste, pois eu não quero um mundo assim. Porque os adultos fazem tudo errado? Quando assisto este programa e fico triste e me dá vontade de chorar, volto para o meu mundo, um mundo melhor. Um mundo da minha imaginação” (p.157).

Carlos Alberto Machado fecha a coletânea ao falar sobre *Mangás e animes: cultura e tradição japonesas nas televisões do mundo*. Esse universo preferido pelas crianças da pesquisa é descrito pelo autor, que aborda suas principais características, simbolismos, perfis dos personagens, oferecendo um panorama inicial para adultos que continuam recusando entender melhor o que tais desenhos oferecem com tamanho atrativo às crianças e jovens. O conceito de herói invencível não é encontrado nos protagonistas dos desenhos japoneses. Nestes, os poderes são limitados, podem morrer e reencarnar em outro personagem e não representam de forma dicotômica ou o bem, ou o mal. O papel da sexualidade, incluindo homossexualidade, da violência, transcendência, coragem e luta pela perfeição são incorporados nesses desenhos, o que pode indicar valores que contribuem para que sejam os prediletos das crianças brasileiras.

Nos seus 10 artigos, a coletânea mantém sua veia empírica aberta, exposta, para quem quiser espiar. São os textos e desenhos das crianças, suas representações, opiniões, sugestões, críticas, amores e receios que aparecem entrelaçados por um *ethos* teórico-analítico consistente e claro, oferecendo ao leitor a oportunidade de escuta para o que os olhos e argumentos de crianças tem expressado sobre a televisão. Se a sociedade brasileira é uma das mais audiovisuais do planeta e as crianças compõem o segmento mais significativo de espectadores de televisão, indagá-los sobre “o que pensam da TV” parece ter sido uma escolha acertada. Para essa pesquisa, cada criança teve apenas uma folha de papel para expressar seus pensamentos - na qual fizeram desenhos, textos, denúncias, sugestões, críticas e declarações afetuosas sobre suas relações com novelas, telejornais, consumo, violência, desenhos animados. Suponho que serão muito bem-vindas e necessárias outras “folhas de papel” e abordagens para que representações, agenda social e impacto da TV no cotidiano das crianças possam não apenas ser assinaladas, mas ganhar tónus em camada mais profunda. Quem sabe através de estudos longitudinais?

\*\*\*

**Acerca da autora do livro: Rosália Duarte** possui graduação em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1984), mestrado em Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1991) e doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000). Atualmente é professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenadora do GRUPEM – Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia e dos cursos de especialização e extensão oferecidos pela CCE PUC-Rio em Mídia, Tecnologias da Informação e Novas Linguagens Educacionais, atualmente desenvolve a pesquisa Juventude e mídia: fatores escolares e sociais em parceria com o LAEd - Laboratório de avaliação da Educação do PPGE da PUC - Rio e com a Coordenação de Educação do MAST/UFRJ.

**Acerca da autora da resenha: Ilana Eleá Santiago** é pedagoga, mestre e doutoranda em Educação pela PUC-Rio e especialista em Mídia-Educação pela Università Cattolica di Milano. Membro do GRUPEM, compõe o corpo docente dos cursos de especialização e extensão em Educação e Mídia oferecidos pela CCE-PUC-Rio.

### **Referências**

Canclini, Nestor G. (2001) *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Edições. UFRJ, 4. Ed.  
Orozco, Gomes (1991). “La audiência frente a la pantalla. Una exploracion del proceso de recepcion televisiva”. *Dialogos de La Comunicacion*, n.30, p.25-54.

\*\*\*

### **Resenhas Educativas/ Education Review**

publica resenhas de livros recém-lançados na Educação, abrangendo o conhecimento e a prática em sua totalidade. Todas as informações são avaliadas pelos editores:

•

#### **Editor para Espanhol e Português**

**Gustavo E. Fischman**  
Arizona State University

•

#### **Editor Geral (inglês)**

**Gene V Glass**  
Arizona State University

•

#### **Editora de Resenhas Breves (inglês)**

**Melissa Cast-Brede**  
University of Nebraska at Omaha

As resenhas são arquivadas e sua publicação divulgada por meio da listserv (EDREV).